

TEORIA DOS TRÊS IS: FERRAMENTA DE RECEPÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DOS TEXTOS NA ESCOLA BÁSICA.

Andressa Kailane Silva Santos¹

Resumo: O ensino da literatura tem recebido diversas contribuições do ponto de vista metodológico nos últimos anos, a partir dos estudos da *Teoria da recepção*, que coloca o sujeito leitor e sua subjetividade no centro da experiência literária. O presente artigo tem por objetivo refletir acerca das ações comunicativas para o ensino da literatura, também conhecida como *Teoria dos Três Is*, a saber: *Introspecção*, *Imagem-Visiva* e *Interlocução*, baseados na obra de Cruz (2012). Sendo assim, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, construída a partir de reflexões realizadas com estudantes do 2º ano do ensino médio do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães de Alagoinhas, diante da obra de Carolina Maria de Jesus *Quarto de despejo: Diário de um favelada*, transversalizando discussões com autoras como Djamilia Ribeiro com seu livro *Lugar de fala* e o posicionamento de Conceição Evaristo acerca do *Feminismo Negro*. Mediante a experiência promovida, pode-se constatar a necessidade de um olhar mais atento quando direcionado a escola básica, pensando sobretudo nas práticas metodológicas que possam contribuir de forma positiva e inovadora para que assim haja uma aproximação maior entre o texto literário e a vivência dos estudantes.

1 Graduanda do Curso de Letras Literaturas e Língua Portuguesa, Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Endereço eletrônico: andressa3647@gmail.com Orientador: Profa. Dr Márcio S. da Conceição

Palavras-Chave: Ensino literário. Teoria dos três Is. Feminismo Negro.

INTRODUÇÃO

O presente artigo intitulado por Teoria dos Três Is: ferramenta de recepção e ressignificação dos textos na escola básica busca abordar como o ensino da literatura tem recebido diversas contribuições do ponto de vista metodológico nesses últimos tempos, abraçar essas contribuições é ampliar o olhar para o ramo educacional que durante muito tempo foi devastado, a partir da teoria :Introspecção, Imagem-Visiva e Interlocução, baseados na obra de Cruz (2012).

A proposta da criação da teoria dos Três IS, serve como base de atuação de maneira inovadora aliado a teoria da recepção, que busca realizar o aproveitamento acerca da subjetividade do sujeito leitor diante das suas experiências com a literatura, isto é, ressignifica o conceito de que a prática literária não restringe apenas no material didático discutido em sala de aula, mas sim, que a mesma se encontra inserida em todo nosso cotidiano, entretanto, de forma implícita.

A pesquisa compõe por metodologia as argumentações de CRUZ (2012) em seu livro “ Leitura literária Na escola”, em que a autora busca tecer a reflexões a respeito da forma como é ministrada a literatura no ambiente escolar, e, conseqüentemente, o que os torna uma prática inerente na concepção dos alunos. Deste modo, utiliza-se da criação de teorias com o intuito do indivíduo sentir-se inserido no processo de entendimento do texto teórico, e o associe de acordo com o seu meio, isto é, a realização da leitura própria de vivências atrelado a contextualização no ambiente escolar.

Obtém como base para fomentação dessa pesquisa de abordagem qualitativa, construída a partir de reflexões realizadas com estudantes do 2º ano do ensino médio do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães de Alagoinhas, por meio da prática de “Imersão literária” curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, do DLLARTES II, tendo por objeto de trabalho a obra da autora Carolina Maria de Jesus, Quarto de despejo: Diário de uma favelada.

Além de transversalizar com pensamento da autora Djamila Ribeiro, com o livro “O que é lugar de fala” que busca refletir a respeito da fala do enunciador, isto é, como cada indivíduo enxerga o mundo ao seu redor, logo as diferentes interpretações são baseadas nas experiências vividas por cada um. Bem como exemplificar através da experiência com Carolina Maria de Jesus, o posicionamento da autora Conceição Evaristo acerca do Feminismo Negro.

Logo, o intuito da aplicação dessa junção metodológica é mostrar que a presença do diálogo entre a realidade e o ensino é possível a partir do momento que o indivíduo traz as experiências de vida, críticas sociais, inquietações e problemáticas emergentes, vivências no seu dia a dia para o chão da escola básica, isso é, leitura de mundo. Sendo assim, o propósito da pesquisa surge por meio das inquietudes ao analisar como a proposta literária nas escolas se solidificam em práticas restritas e mecânicas.

Diante deste pensamento, busco refletir e aprofundar acerca das ações comunicativas, como uma possível forma de incentivo e aprimoramento para a aproximação entre a subjetividade do sujeito leitor e suas respectivas experiências, tradições e acervos literários.

TEORIA DOS TRÊS IS: FERRAMENTA DE RECEPÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO

A princípio, é de compreensão universal que a literatura pulsa em nossas vidas desde muito cedo, seja na música, teatro, arte, dança, declamação de poemas, leituras ou quaisquer outras formas de manifestação. Essa prática aperfeiçoa-se no campo pedagógico ao entrar em contato direto com as instituições de ensino, que buscam mediar de forma coesa e normativa as abordagens temáticas.

Entretanto, não se limita a dizer que aplicação metodológica literária na contemporaneidade, é uma tarefa simples, em meio a tantas problemáticas enfrentadas no ambiente educacional. Cruz argumenta que no sentido teórico não se restringe apenas na busca por uma boa temática aliado a uma mediação na prática de atividades alternativas, que vai obter-se do aluno uma interação imediata, e que por muitas vezes resultou-se no fracasso em suas atuações do magistério por seguir essa linha de raciocínio comunicativo.

Foi com essa consciência (que é um aprendizado) que passei a analisar a relação existente entre o leitor, o texto, o autor e a realidade histórica que circunda todos. Essa análise me fez perceber que o docente (no caso, eu) elaborava as atividades do seu ponto de vista, sem conversar e, portanto, sem conhecer, a partir das falas dos alunos, o modo como eles se apropriaram do texto literário e a relação que eles tinham com o mundo da leitura. Essa ausência de diálogo entre as partes estimulava o desinteresse dos alunos e a reprodução de leituras mecanizadas, que só serviam para cumprimento de tarefas obrigatórias. (CRUZ, 2012, p. 161)

Considerando o posicionamento de Cruz, sobre autoleitura diante do modo com que ministrava as práticas no ambiente escolar, e a busca por uma mudança mediante a não

compatibilidade dos alunos, remete a reflexão que no âmbito escolar, na maioria das vezes é perceptível a irrelevância da função empática, por parte de alguns educadores em analisar sua dinâmica para com o aluno em sala de aula. Se levarmos em consideração o pensamento de Paulo Freire, de que o professor não se remete apenas a um transmissor de conhecimento, mas sim de buscar a necessidade do olhar e diálogo para com o aluno, e perceber nele a sua bagagem social. Logo, consideramos que obtendo falha nesse diálogo, torna-se possível justificar o desinteresse pelo teor literário em decorrência do ensino mecânico encontrado no âmbito escolar.

Partindo desta perspectiva, passei a considerar que uma exposição teórica sobre a forma como nos apropriamos de um texto, poderia ser importante para que o aluno pudesse entender de que forma um elemento externo pode mexer com o nosso corpo cultural. Levei essa ideia a cabo e percebi que houve uma reação diferente nos alunos. Ao falar das três ações comunicativas que podem ocorrer com o leitor no momento em que este se defronta com o texto literário. (CRUZ, 2012 p. 161)

As ações comunicativas, desenvolvida por Cruz, age como uma ferramenta metodológica de ensino para aproximação entre o sujeito leitor e a obra a ser trabalhada, no tocante das experiências próprias, o sentido imaginário, além dos acervos literários presente no interior daquele indivíduo, que na prática simultânea realiza a contextualização dos próprios sentidos frente ao texto literário.

Não desejo que essa teoria seja vista como uma regra fixa para iniciar o trabalho com a leitura; a importância desta conversa sobre as ações comunicativas para leitura reside no fato de que o professor/a fará com que os estudantes se percebam como peças fundamentais para que o processo de entendimento do texto dê certo. Eles devem compreender que a leitura de um texto literário ou não-

literário só se realiza plenamente quando o leitor absorve, imagina e dialoga com a existência do texto. Isto quer dizer que leitor, texto e contexto devem estar em constante simbiose, pois do contrário o texto está fora do leitor. (CRUZ, 2012, p. 162)

A teoria dos três IS, a saber: Introspecção, Imagem-Visiva, e Interlocução agem a partir do momento que o leitor se encontra direcionado ao texto. Introspecção, trata-se do primeiro contato entre o leitor e texto, neste momento o indivíduo absorve o contexto crítico e passa a analisar-se no texto, perante ao processo empático. A Imagem-Visiva, atua posterior ao contato com o texto em que mexe com o imaginário do leitor após a leitura, logo, o mesmo visualiza de forma clara sobre o que vem sendo abordado mediante a seu código de aprendizagem já adquirido. E por fim a interlocução manifesta-se no momento de relação entre o autor, leitor e o contexto ficcional presente na obra.

Ratificando as palavras de Bakhtin, às linguagens que os alunos carregam, derivadas de suas experiências de vida, poderiam multiplicar as possibilidades de compreensão do conteúdo estudado, ao tempo em que eles se abrirem a novas textualidades, novas formas de explicar a realidade histórico-literária da qual fazem parte. Por isso, os professores devem evitar a monologização do discurso, pois esta quebra o elo com a cadeia viva do fluxo verbal, no caso o elo com a realidade dos alunos, seus valores e conhecimentos, dificultando a compreensão responsiva. (CRUZ, 2012, p. 178)

Logo, ações comunicativas para o ensino da literatura, também conhecida como Teoria dos três Is, a saber: Introspecção, Imagem-Visiva e Interlocução, propõe por metodologia enfatizar a importância de levar em consideração a leitura do aluno, mediante a abordagens que lhe despertam interesses e inquietações para o chão da escola, isto é, colocar o sujeito leitor e sua subjetividade no centro da experiência literária. Deste

modo, ressignifica o pensamento sobre a literatura como uma ferramenta de poder inserida na sua realidade, a partir dos seus princípios pessoais, emoções e perspectivas. Entretanto, para que essa prática tenha eficácia, é necessário que o educador busque ouvir e acolher, o posicionamento do discente para que, assim, o ambiente escolar torne-se cada vez mais atuante do conhecimento mútuo, para além do senso crítico, e usufrua da literatura como mediadora de princípios que estarão atrelados ao longo da vida deste indivíduo.

LITERATURA POR OBRA QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA CAROLINA MARIA DE JESUS

Contextualizar a literatura, é reconhecer através de um olhar amplo a diversidade de temas que nos cercam diariamente, gerando emoções, denúncias, justiça, apreciação e ademais sentimentos. Carolina Maria de Jesus, mulher, negra, favela, mãe solo de três filhos, pobre, catadora, com apenas o ensino fundamental completo, usufrui da junção entre o senso crítico e escrita para tratar em pequenos recortes de papel encontrados no lixo, sobre mazelas enfrentadas no seu dia -a dia, como uma moradora de comunidade.

A história de Carolina, busca tratar de forma simples e objetiva a literatura do mundo, ou seja, realidade e verdade vivenciada por inúmeros brasileiros. A denúncia social, em forma de diário, vai de encontro a fome, descaso político e social, violência, marginalização, ausência de saneamento básico, auxílio nas questões de saúde e, sobretudo, a visão da mulher negra que vai de contra todos os preceitos que buscam sobretudo a visibilidade na sociedade.

Carolina Maria de Jesus, na literatura, é descoberta por um jornalista cujo nome é Audálio Dantas, que realizando uma

reportagem na favela interessou-se pela argumentação e posteriormente pela escrita da autora, sendo assim, o mesmo desperta o desejo em publicar esse diário, que fica mundialmente conhecido e atualmente traduzido em mais de 14 línguas. No entanto, a obra nos remete de maneira precisa à seguinte reflexão: “Quantas Carolinas são encontradas diariamente em nosso meio? “Quantas delas são omitidas, reprimidas, mascaradas para não expor as mazelas sociais enfrentadas?” A contextualização da literatura, encontra-se no ato de buscar por meio da obra fatores que reflitam, e despertem o olhar crítico sobre o meio no qual estamos inseridos. Deste modo, a obra nos seus 20 relatos diários, consegue suprir o objetivo de aproximar cada vez mais a ficção real literal, para com o leitor.

1 DE JULHO

Eu percebo que se este Diário for publicado vai maguar muita gente. Tem pessoa que quando me vê passar saem da janela ou fecham as portas. Estes gestos não me ofendem. Eu até gosto porque não preciso parar para conversar. (JESUS, 1960)

Tratar de problemáticas que lhe envolve e impõe como lugar de fala, é, de certo modo, um ato político em defesa do seu eu, direcionado o pensamento para com a autora Carolina Maria de Jesus, e para aqueles que se encontram subalternizados as situações de desprezo, e inerente a assistência, mas que lutam como forma de reexistência. Logo proponho a dizer que a obra quarto de despejo é discutida de maneira particularizada e social, pelo fato de ser escrita por alguém que vivencia e traz à tona as realidades, que lhe atravessam, a essa expressão consideramos o poder de lugar de fala, sobre sua respectiva abordagem.

Introduzido esse pensamento sobre estar inserido na sua vivência, e relatar que lhe atravessa diretamente, aponto a abordagem da Autora de Djamila Ribeiro com sua obra, “O que é lugar de fala” que vai tratar de pensar, o posicionamento

equivalente a mulheres na sociedade, com problemáticas que envolvem a desigualdade social, machismo, opressão de gênero, tentativas de deslegitimação, racismo, posição social, além de atrelar ao pensamento sob o lugar do outro e entender que cada pensamento, argumento e experiência é derivado de fatores sociais e históricos.

Quando, muitas vezes, é apresentada a importância de se pensar políticas públicas para mulheres, comumente ouvimos que as políticas devem ser para todos. Mas quem são esses “todos” ou quantos cabem nesses “todos”? Se mulheres, sobretudo negras, estão num lugar de maior vulnerabilidade social justamente porque essa sociedade produz essas desigualdades, se não se olhar atentamente para elas, se impossibilita o avanço de modo mais profundo. Melhorar o índice de desenvolvimento humano de grupos vulneráveis deveria (RIBEIRO, p. 26)

A proposta principal da autora, ao tratar da expressão “Lugar de fala” em seu livro, é determinar a real atuação da expressão na prática, afinal, em meio a uma significância tão importante, tem sido aplicada de forma incrível por partes de indivíduos no contexto social.

No Brasil, comumente ouvimos esse tipo de crítica em relação ao conceito, porque os críticos partem de indivíduos então das múltiplas condições que resultam nas desigualdades e hierarquias que localizam grupos subalternizados. As experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratadas de modo igualmente subalternizado, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente. Isso, de forma alguma, significa que esses grupos não criam ferramentas para enfrentar esses silêncios institucionais, ao contrário, existem várias formas de organização políticas, culturais e intelectuais. A questão

é que essas condições sociais dificultam a visibilidade e a legitimidade dessas produções. Uma simples pergunta que nos ajuda a refletir é: quantas autoras e autores negros o leitor e a leitora, que cursaram a faculdade, leram ou tiveram acesso durante o período da graduação? Quantas professoras ou professores negros tiveram? (RIBEIRO, p. 36)

Djamila sustenta que experiências comuns resultantes do lugar social que ocupam impedem que a população negra acesse a certos espaços. É aí que entendemos que é possível falar de lugar de fala a partir do *feminist standpoint*: não poder acessar certos espaços, acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até de quem tem mais acesso à internet. O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos num lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. (RIBEIRO, p. 37)

Sendo assim, compõe-se a dizer que fala não restringe apenas ao sentido do som, mas sim estar ligada potência argumentativa que se obtém ao tratar de assuntos promissores na sociedade atual, direcionado ao público negro. Que na maioria da maioria das vezes é rotulado e reprimido ao expor seus pensamentos, ideias e críticas que envolvem sua experiência própria, anulando o real sentido de lugar de fala.

A fim de exemplificar e dialogar com o posicionamento do feminismo negro na sociedade, e posteriormente do seu lugar de enunciação, abordo Conceição Evaristo como uma mulher negra, educadora, escritora, e que dispõe de uma realidade um tanto quanto similar a Carolina Maria de Jesus, em aspectos sociais, e econômicos voltados as vivências, mas principalmente por

usufruir da literatura, como uma ferramenta de poder e ressignificação em sua vida.

O despertar da escrita, sobressai como uma proposta para encarar as problemáticas, sobretudo o racismo, que se encontrava inserido em sua trajetória desde muito nova, partindo da adolescência a fase adulta. Mas para além desse aspecto, surge como um meio de expressar o sentimento de angústia, no ato de encerrar as adversidades que lhe cercam, e simultaneamente despertar o reconhecimento por parte do leitor como forma de encorajamento. A autora, expõe o termo *escrevivência* como forma de trabalhar uma escrita comprometida com a vida, a defender como o processo de ficção está diretamente ligado a vivência para quem escreve. É por meio dela que o público, sobretudo mulheres, se sentem representadas e percebidas nas suas obras. A possibilidade por meio da escrita, apenas certifica como a literatura age, em prol da subjetividade do leitor, remove o olhar da literatura canônica que há muito tempo foi imposta, é só propõe afastar-se de uma maneira limitada, e restrita em prol da realidade dos indivíduos.

Logo, é promissor que o meio educacional busque investir em práticas metodológicas que apresentem com mais frequências autores, e suas respectivas obras com pontos de vistas e temáticas que direcionam ao indivíduo o pensamento crítico do seu meio, ao interior, para que assim haja uma relação de aprendizado formidável ao chão da escola, afinal, o processo de ensino literário atua nesse ambiente como um viés libertador que não restringe para o desenvolvimento da competência leitora, mas sim para formação de indivíduos altamente promissores de aprendizado.

APLICAÇÃO DA TEORIA DOS TRÊS IS ALIADO À PRÁTICA DA IMERSÃO LITERÁRIA

A prática da imersão literária consistiu no diálogo entre os componentes selecionados Cânones e contextos na literatura brasileira, Literatura e Recepção, estudos da ficção brasileira contemporânea com objetivo de interligar os conteúdos ministrados em cada matéria. Deste modo, atenta-se por embasamento teórico/metodológico a Teoria dos três Is, obra Quarto de Despejo- Carolina Maria de Jesus, e a exemplificação de Conceição Evaristo, obtendo o entre as abordagens diálogo, é necessário elaborar um planejamento para que assim os coloque em prática, e por fim mediante as

O projeto ganhou forma a partir de reflexões realizadas com estudantes do 2º ano do ensino médio do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães de Alagoinhas, tendo por duração 15 horas, ocorrido nos dias 23/05/2023 e 25/05/2023. Ter a obra Quarto de despejo- diário de um favelada como base para a imersão literária, foi uma proposta fantástica, afinal, reflete no tocante aproximação para o chão da escola básica, literatura que busque discutir, e abordar perspectivas de tamanho valor visível na sociedade contemporânea, e submete ao aluno reconhecer que através da leitura e discussão, que não se trata de uma perspectiva ficcional e distante.

No primeiro dia 23/05, iniciamos uma breve apresentação, seguida por um momento motivacional de introspecção, utilizando a dinâmica "Era uma vez", situamos a sala em um círculo, e em seguida, nós, como docentes, encontramos intercaladas no meio dos estudantes, a proposta da dinâmica consistia em desenvolver uma história de maneira subentendida sobre Carolina Maria de Jesus. No entanto, em nenhum momento era mencionado sua identidade física e ambiente na qual a mesma situava-se. Nosso papel como docente era direcionar a

narrativa, em início, meio e fim, e por meio dessas dicas os participantes completavam a história com as características que lhe vinham no seu imaginário. O objetivo dessa prática, era desenvolver uma narrativa coletiva sequencial, que despertasse naquele indivíduo presente o interesse em saber sobre o personagem desconhecido e se, de fato, as complementações salientaram diretamente na vida do mesmo.

A princípio, os estudantes sentiram-se envergonhados, no entanto, com o desenrolar da história, foram surgindo inúmeras hipóteses, contextos, sugestões, e a imaginação ia tomando conta do ambiente. Finalizado a dinâmica, era o momento de desvendar o mistério do protagonista, visto tratar-se de uma história ficcional. Em seguida, partimos para desvendar o mistério tendo por cartaz como material didático, trazendo recortes sobre Carolina Maria de Jesus e suas respectivas obras e características.

Para o segundo momento, contextualizamos a história verídica de Carolina Maria de Jesus atrelado ao seu livro Quarto de Despejo- diário de uma favelada, e remetemos a um curto diálogo sobre as impressões contidas por partes dos estudantes após ouvir um pouco mais sobre a vivência da autora e, conseqüentemente, o que a mesma propõe em sua autoria. Distribuimos alguns trechos desse diário para leitura, e para além das nossas expectativas, apenas um aluno tinha conhecimento da vida da autora, aos demais tratava-se de uma abordagem desconhecida.

A impressão que os discentes tiveram nesse primeiro momento foi de surpresa, ao questionar como uma mulher favelada, semianalfabeta, poderia ser capaz de torna-se uma autora tão reconhecida em meio aos problemas emergentes que lhe cercavam. Com essa intervenção, os relatos e diálogos foram tomando forma, além de nos mostrar que a obra tinha sido aceita

e muito bem interpretada, a ponto de atravessar o interior daqueles alunos.

Como forma de descontração, posteriormente a essa discussão, realizamos uma dinâmica interativa em que consistia organizar os estudantes em dupla, mediante a quantidade, e distribuir balões com alguns fragmentos de Carolina, ou seja, frases, citações próprias da autora contida no diário, no interior desses balões havia diferentes sentimentos escritos, que necessitavam ser demonstrado em cada leitura. Contabilizando o tempo, cada dupla dispõe-se a frente da turma, estoura seus balões e, em seguida, os estudantes realizam as leituras mediante o sentimento expresso no papel. Essa proposta permitiu que os estudantes explorassem os poemas de Carolina Maria de Jesus, interpretassem sua mensagem e por fim expressassem seus próprios sentimentos em relação ao conteúdo.

Para o segundo dia, 25/05 retomamos a proposta de contextualizar de maneira prática e objetiva de que vem a ser Carolina Maria de Jesus, atrelada ao pensamento sobre sua obra Quarto de Despejo. Nesse momento, buscamos ampliar trazendo outros pontos não mencionados na aula anterior e promovemos o diálogo mútuo em recapitular sobre o que chamou mais atenção na vivência da autora. Atrelado ao pensamento sobre o meio que Carolina estava inserida, buscamos trazer a atividade prática de expressão, por meio de um cartaz em saber qual pensamento crítico visível sobre favela na contemporaneidade, os estudantes tiveram a oportunidade de expressar suas ideias, abordando por meio de colagens, citações, nomes, aspectos, frases, dentre outros aspectos relacionados a esse tema.

A confecção do cartaz obteve por temática “favela no centro”, e intimidavam aos estudantes a pensarem o conceito de favela, e em seguida compartilharem suas respectivas impressões. Foi trazida como pauta a violência, esperança, fome, miséria, criminalidade, falta de assistência social e política, marginalização,

mas também, os remeteu a pensar a favela como um propósito de vitória e resistências de muitos artistas, atores, músicos que vivenciaram uma realidade árdua, por ter nascido e criado na favela, logo, entramos em discussão sobre os pontos positivos que não são atrelados, sobretudo na mídia, como ações sociais desenvolvidas nessas comunidades, projetos, benfeitorias, os talentos que são descobertos diretamente desse meio.

Em seguida, realizamos por meio ainda de imagens o pensamento do que é a favela atual, como eram as favelas antigamente e a partir dessas comparações utilizamos como forma transversalizar o contexto de Carolina Maria de Jesus na atualidade, como uma “cria” da favela e que, conseqüentemente, enfrentou todas as dificuldades mencionadas pelos estudantes.

Para esse momento, foi aberto por intermédio dos próprios estudantes, uma roda de discussão, analisando e compreendendo expressões, ponto de vista, curiosidades, citações, além de absorção de conhecimento por partindo da

Como proposta final, uma dinâmica envolvendo trechos de textos de Carolina Maria de Jesus, e Conceição Evaristo, como exemplificação de uma mulher, negra, escritora tardia, mas que por meio da literatura buscou ressignificar sua vida ao expor nos seus livros pensamentos e perspectivas vivenciadas por mulher negras na sociedade atual. Com isso, estudantes liam os trechos e recebiam um bombom e decidem presentear um colega da sala ou não, ficando a critério de cada um. Em seguida, os mesmos recebem pequenos envelopes com a proposta de tecer sobre o ponto de vista da experiência, o que busca levar como aprendizado, como a proposta trazida pode dialogar com o seu modo de olhar o ambiente que está inserido, quais pontos que chamaram atenção, ficava a critério dos mesmos expor o seu ponto de vista. A proposta final salientava na buscar da compreensão do aluno para com a proposta aplicada, além de

aproximar, no entanto, de uma forma dinâmica esses estudantes do cunho literário, pelo qual ainda não se obtinham contato direto.

Desta forma, a aplicação da teoria dos Três IS fomenta-se na introspecção por meio da apresentação e diálogo sobre o livro Quarto de Despejo: Diário de uma favelada (Carolina Maria de Jesus); Imagem-Visiva na prática de Construção do cartaz – “FAVELA NO CENTRO”, interlocução propõe no “Feedback” dos alunos através das contribuições orais, e escritas nas cartas.

“Carolina tem ligação com o que foi retrato na sala pois ela era uma mulher preta e pobre e isso é um tabu para a sociedade devido ela se apresentar como "escritora" e morar numa favela e sua fama se popularizar justamente por isso, incluindo que Carolina era mãe solteira” - Aluno
“Carolina visava o seu dia-a-dia e a sua realidade na favela, abordando assuntos que até hoje persiste lá, a favela tem vários temas e abordagens diferentes, cada um com a sua concepção enxerga a realidade de formas diferentes. A história de Carolina é uma inspiração para quem vive em uma realidade não tão boa, para que possa pensar no futuro e superar as

Com isso, pode-se concluir que a imersão literária ocorreu de forma positiva obtendo um excelente aproveitamento, e conseqüentemente, todos objetivos almejados. A experiência teve um cunho experimental importante ao trazer uma literatura negra para o chão da escola básica e observar, por meio da recepção, o papel da leitura subjetiva como agente nos espaços de ouvidoria desses indivíduos a ponto de atravessá-los. A proporção que a imersão ganha em sua aplicação é tão significativa, ao analisar que no primeiro dia, 23/05, obtemos um número mínimo de alunos em sala, devido a evasão pós semana avaliativa e, no dia 25/05, o número de estudantes multiplica, e aquele ambiente torna-se rico e cheio de aprendizado. É por meio dessa prática que se torna perceptível que as ações

comunicativas, têm eficácia na sua aplicação, logo, buscar o novo, ainda que no início obtenha dificuldades, torna-se necessário, e evolutivo, aproximando e ressignificando a vida dos estudantes.

REFERÊNCIAS

CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. Por uma teoria da apropriação do texto literário. In: *Leitura literária na escola: desafios e perspectivas em um leitor* – Salvador: EDUNEB, 2012. p. 155-204.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo – diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

RIBEIRO, Djamilá. *Lugar de fala*. Belo Horizonte: Letramento (Feminismos Plurais) 2017. p. 112.